

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS NAS ESCOLAS NORMAIS DE CAMPO GRANDE: UMA BUSCA POR INDÍCIOS SOBRE A FORMAÇÃO MATEMÁTICA DE PROFESSORES

Carlos Souza Pardim¹

carsopardim@gmail.com

Luzia Aparecida de Souza²

luzia.souza@ufms.br

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Resumo: Este artigo tem a intenção de discutir e apresentar pesquisa em andamento. A pesquisa à qual este artigo se refere tem como objetivo geral compreender, sob o filtro dos manuais pedagógicos, as orientações pedagógicas (nacionais/ internacionais) sobre as quais se estruturou a formação de professores de ensino primário de Campo Grande a partir da sua reabertura em 1947. O manual alvo da análise desta pesquisa é a obra *Noções de Metodologia do Ensino Primário*, de Theobaldo Miranda Santos, editado em 1964, cujo título foi citado em portaria da Escola Normal de Campo Grande (MS) que teve seu funcionamento iniciado a partir de 1930 até ser integrada ao Grupo Escolar Joaquim Murtinho se tornando a Escola Estadual de 1º e 2º Graus Joaquim Murtinho. Ao assumir o manual pedagógico como uma forma simbólica utiliza-se como referencial para análise a *Hermenêutica de profundidade*, desenvolvida por John B. Thompson, que estabelece três dimensões para a realização de análise, que ocorrem concomitantemente, a saber: Análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação/reinterpretação. Desse modo, este artigo está estruturado de modo a esboçar características da pesquisa.

Palavra Chave: Manual pedagógico. *Hermenêutica de Profundidade*. Escola Normal.

Introdução

As crescentes transformações econômicas, sociais e políticas, que ganharam força a partir do fim do século XVIII, tiveram como consequência, uma maior preocupação com a instrução das classes, até então, excluídas pela elite dominante. Com isso, surgiu a necessidade de se formar professores capacitados para o ensino de primeiras letras e, conseqüentemente, a criação de locais específicos para a formação destes professores.

Os primeiros locais destinados à formação de professores foram as Escolas Normais. No Brasil a primeira Escola Normal foi criada na cidade de Niterói, na província do Rio de Janeiro, em 1835, logo após o Ato Adicional de 1834. Depois desta

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Bolsista CAPES.

² Professora do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas e do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

várias outras se espalharam pelas Províncias do Brasil. Vale ressaltar que no século XIX estas instituições foram fechadas e reabertas, ou por falta de alunos, ou por motivos políticos. Segundo Saviani foi a partir da década de 1890 que as Escolas Normais se expandiram e se estabeleceram como instituições formadoras de professores primários.

Em Campo Grande, a primeira Escola Normal foi criada em 1930 pelo presidente do estado Dr. Anibal Toledo, sendo esta a segunda instituição dessa natureza no Estado do Mato Grosso, e a primeira a se localizar no sul do Mato Grosso. Esta instituição esteve aberta por um período de sete anos até ser desativada em 1937. Foi reestabelecida em 1947 e perdurou até 1973 quando foi integrada ao Grupo Escolar Joaquim Murtinho se tornando a Escola Estadual de 1º e 2º Graus Joaquim Murtinho.

Junto às necessidades de formação de professores para o ensino primário, iniciou-se a elaboração dos primeiros manuais pedagógicos. Estes manuais auxiliariam aos futuros docentes sobre o exercício dos ofícios desta profissão.

Nestes manuais eram reunidos os trabalhos de pedagogos, psicólogos, biólogos, filósofos, dentre vários outros cientistas espalhados pelo mundo, na intenção de apresentar aquilo que era considerado como sendo os conhecimentos necessários para um bom desempenho da prática docente. Portanto, estes manuais contribuíram por meio da circulação de conhecimentos pedagógicos para “a construção e difusão das instituições de ensino e das formas pelas quais elas foram concebidas” (SILVA, 2007, p. 271).

Segundo Silva (2007) os manuais pedagógicos mais antigos que se tem conhecimento no Brasil datam de 1870 e foram estruturados por concursos de admissão na carreira docente e, também, por professores que ministravam aulas nas Escolas Normais.

Os manuais escritos no início do período republicano tinham em seu conteúdo a preocupação de passar aos futuros professores as instruções de como se trabalhar em sala de aula, apresentando práticas que deram certo, bem como, exemplos de lições a se trabalhar em sala de aula.

Silva (2007) nos diz que devido ao surgimento e propagação dos ideais do movimento conhecido como “Escola Nova” a pedagogia assumiu um caráter mais científico e os manuais começaram a apresentar uma preocupação com os saberes referentes à infância, deixando de destacar “tanto as questões relativas ao professor quanto à organização da escola [...]” (p. 274). Com isso, os conteúdos pedagógicos passaram a ter uma ênfase maior nesses materiais. Os manuais não traziam receitas de

como ensinar, mas sim a apresentação de “proposição de fundamentos” que ajudariam o professor a tomar decisões necessárias para tal objetivo.

A partir de 1940 o movimento da Escola Nova começou a perder força abrindo espaço para uma nova forma de elaboração dos manuais pedagógicos que, segundo Silva (2007), foi caracterizada pelos pesquisadores desta área como a *tecnização do ensino*. Neste momento os manuais pedagógicos passaram a se preocupar com uma apresentação de receitas prontas de ensino “enfazando ao longo dos capítulos aspectos relacionados ao planejamento do trabalho docente, desde a definição dos objetivos até as estratégias de transmissão de conhecimentos aos alunos e de avaliação” (SILVA, s/d, p.13).

Como se percebe os manuais pedagógicos sofreram várias transformações no decorrer dos anos. Essas transformações foram causadas pelas mudanças de concepções relacionadas ao campo pedagógico. Por esse motivo, estes manuais são importantes fontes para uma maior compreensão do processo de constituição do modelo escolar que se tem hoje.

Os autores desses manuais não eram divulgadores passivos de pesquisas que contribuíram para a elaboração de seus manuais pedagógicos. Ao fazer a seleção daquilo que acreditavam ser o essencial para o exercício da profissão docente, estes faziam as suas observações criticando ideias, exaltando pesquisadores e métodos e apresentando pontos de vistas relacionados a como deveriam ser trabalhados determinados conteúdos de ensino.

É inquestionável a importante contribuição dos manuais pedagógicos na formação de professores destinados ao ensino primário, mas deve-se considerar que, da mesma forma que os manuais são uma interpretação de seus escritores baseados em suas concepções pedagógicas, a recepção e apropriação das orientações pedagógicas contidas nessas obras por parte dos professores das Escolas Normais e dos futuros professores de ensino primário que se utilizaram destas obras também se dá em um exercício interpretativo. Neste contexto, identificar indícios sobre como as orientações foram interpretadas e estruturadas para disseminação nas escolas brasileiras é de grande relevância para a discussão sobre como se estruturou o ensino escolar e, mais especificamente, a formação de professores.

Partindo do exposto acima esta pesquisa tem a intenção de *compreender, sob o filtro dos manuais pedagógicos, as orientações pedagógicas (nacionais/ internacionais) sobre as quais se estruturou a formação de professores de ensino primário de Campo*

Grande a partir da sua reabertura em 1947. Procurar-se-á, especificamente, entender como o ensino de matemática era estruturado (para ser ensinado no primário) e suas possíveis relações com as orientações pedagógicas recebidas. Para tanto foi escolhido para a análise o livro, *Noções de Metodologia do Ensino Primário*, de Theobaldo Miranda Santos que além de ser um autor bastante referendado em outras instituições, também teve, segundo Reis (2011) em seu trabalho de conclusão de curso, este manual citado no livro de portarias (1952-1955) da Escola Normal de Campo Grande. Para análise deste manual será utilizada a *Hermenêutica de Profundidade* de John B. Thompson a ser apresentada a seguir.

Fundamentação teórico-metodológica – A Hermenêutica de Profundidade

Com a intenção de alcançar os objetivos desta pesquisa, viu-se necessário à procura de uma metodologia que possibilitasse desenvolver esta investigação abrangendo não apenas a estrutura interna do manual, como exemplo, as teorias que são abordadas e a forma como esta é apresentada pelo autor, mas, também, o seu contexto de produção, sendo entendido como as influências externas recebidas no decorrer da elaboração e utilização deste material, tais como, as orientações governamentais, as tendências educacionais que estavam em alta naquele determinado período, como era trabalhado o manual pedagógico pelos professores etc. Encontrou-se na *Hermenêutica de Profundidade* de Thompson uma metodologia que se enquadra nos pressupostos de investigação citados anteriormente.

Esta metodologia foi desenvolvida por Thompson para a análise da ideologia presente nas formas simbólicas, em contextos *historicamente contruídos* e *socialmente estruturados*, veiculadas pelos meios de comunicação de massa.

Formas simbólicas, segundo Thompson (1995), são as “ações e falas, imagens e textos, que são produzidos por sujeitos e reconhecidos por eles e outros como construtos significativos” (1995, p. 79). As formas simbólicas são caracterizadas por cinco aspectos, a saber: o intencional, o convencional, o estrutural, o referencial, e o contextual. Os quatro primeiros aspectos se referem ao significado assumido pela forma simbólica, e o quinto aspecto nos direciona para suas características socialmente estruturadas.

Uma forma simbólica possui um aspecto intencional, pois ao se criar ou produzir uma forma simbólica sempre há uma intenção, um interesse. Estas criações são

produzidas por um sujeito e direcionadas para um sujeito. Com relação a este aspecto, Thompson levanta algumas considerações que são importantes de serem discutidas aqui. Primeiramente, o fato de um sujeito ser capaz de agir intencionalmente não quer dizer que ele

[...] produziu este objeto intencionalmente, ou que esse objeto é o que o sujeito pretendia produzir; ao invés disso, é dizer, simplesmente, que esse objeto foi produzido por, ou que foi percebido como produzido por, um sujeito sobre quem [poder-se-ia] dizer, em certas ocasiões, que “fez isso intencionalmente”. (THOMPSON, 1995, p. 184)

Uma segunda consideração levantada por Thompson diz respeito ao significado. Quando o sujeito-produtor produz uma forma simbólica, esta não é necessariamente aquilo ao qual se tencionou a produzir.

Dessa forma, textos escritos, ações ritualizadas ou obras de arte podem ter ou adquirir um significado ou sentido que não pode ser completamente explicado pela determinação daquilo que o sujeito-produtor tencionou ou quis dizer ao produzir as formas simbólicas. (THOMPSON, 1995, p. 185)

As formas simbólicas possuem um aspecto convencional, pois ao serem produzidas seguem, ou são influenciadas por padrões, regras, códigos ou convenções estabelecidas pelas instituições sociais, que se relacionam diretamente com esta no decorrer da sua elaboração. Pode-se tomar como exemplo um advogado produzindo uma petição ao juiz. Ele deve seguir às regras estabelecidas pelo fórum para a elaboração de tal documento, deve entregar esta petição num prazo determinado, ao mesmo tempo este advogado deve estar atento às normas gramaticais e ortográficas da língua na qual ele está inserido, deve, também, estar de acordo com o órgão que regulamenta a sua profissão no país. A quebra de uma destas regras pode trazer consequências graves ao processo defendido por este advogado e, até mesmo, a ele próprio.

O terceiro aspecto característico das formas simbólicas é o aspecto estrutural. Para Thompson, isso significa que “as formas simbólicas são construções que exibem uma estrutura articulada” (1995, p. 187). Portanto, as formas simbólicas possuem elementos internos bem articulados entre si com o objetivo de dar algum significado ao que se quer transmitir. É esse aspecto que dá condições de analisar internamente uma forma simbólica.

O quarto aspecto característico das formas simbólicas é o aspecto referencial. As formas simbólicas, ao serem construídas, sempre tem a finalidade de se referir,

representar e dizer algo sobre determinada coisa. Pode-se tomar como exemplo o livro didático de matemática que, segundo Oliveira (2008), tem como objeto referencial a educação matemática.

O quinto e último aspecto das formas simbólicas é o aspecto contextual. As formas simbólicas são construídas em contextos sociais historicamente estabelecidos e levam em si as marcas das relações sociais existentes neste ambiente. Além disso, as formas simbólicas, também são recebidas por indivíduos, também inseridos em contextos sociais que podem se diferenciar daquele no qual a forma simbólica se originou. Compreender, ou não, uma forma simbólica depende das “capacidades” e dos “recursos” que o indivíduo é capaz de empregar para realizar a interpretação.

Baseando-se nos aspectos assumidos pelas formas simbólicas, tomam-se os manuais pedagógicos e, mais especificamente, o manual pedagógico “Noções de Metodologia do Ensino Primário” como sendo uma forma simbólica e, portanto, passível de aplicação da Hermenêutica de Profundidade.

Para analisar as Formas Simbólicas, Thompson distingue três dimensões que ocorrem concomitantemente: a Análise Sócio-Histórica, a Análise Formal ou Discursiva e Interpretação/Reinterpretação.

Realizar uma análise sócio-histórica de uma forma simbólica consiste em “reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas” (THOMPSON, 1995, 366). Nesta etapa buscam-se compreender as condições nas quais a forma simbólica foi produzida, quais as intenções por trás de sua construção, que instituições estão interessadas na sua produção, quais foram as condições de recepção da forma simbólica.

Dentro da análise sócio-histórica, Thompson apresenta cinco níveis de análise distintos. O primeiro a ser apresentado são as situações espaço-temporais.

As formas simbólicas são produzidas [...] e recebidas [...] por pessoas situadas em locais específicos, agindo e reagindo a tempos particulares e a locais especiais, e a reconstrução desses ambientes é uma parte importante da análise sócio-histórica. (THOMPSON, p.366)

Um segundo nível estabelecido pelo autor se refere aos campos de interação nos quais a forma simbólica está inserida. Estes campos de interação são um espaço de posições, ou um conjunto de trajetórias que oportunizam relações e acessibilidades diferentes a pessoas diferentes.

As instituições sociais são o terceiro nível de análise estabelecido por Thompson. Para o autor, as instituições sociais podem ser vistas:

Como conjuntos relativamente estáveis de regras e recursos, juntamente com relações sociais que são estabelecidas por eles. [...] Analisar instituições sociais é reconstruir os conjuntos de regras, recursos e relações que as constituem, é traçar seu desenvolvimento através do tempo e examinar as práticas e atitudes das pessoas que agem a seu favor e dentro delas. (THOMPSON, 1995, p. 367).

O quarto nível de análise sócio-histórica é a análise das estruturas sociais. Thompson emprega este conceito para se referir às:

assimetrias e diferenças relativamente estáveis que caracterizam as instituições sociais e os campos de interação. Analisar a estrutura social é identificar as assimetrias, as diferenças e as divisões. (THOMPSON, 1995, p. 367)

O quinto e último nível de análise apresentado pelo autor envolve os meios técnicos de construção e transmissão das formas simbólicas. O meio técnico pode ser um papel, uma pedra, a língua, os gestos e dependendo do meio técnico utilizado consegue-se um maior, ou menor grau de reprodução e fixidez³, e uma maior ou menor possibilidade de participação para os sujeitos que utilizam o meio, a leitura de um livro exige conhecimentos diferentes daqueles que são necessários para assistir um programa de televisão.

A análise formal consiste na análise das “características estruturais internas, seus elementos constitutivos e inter-relações, interligando-os aos sistemas e códigos dos quais eles fazem parte” (THOMPSON, 1995, p. 370).

São apontadas pelo autor algumas possibilidades de análise: a semiótica, a da conversação, a sintática, narrativa e argumentativa.

A terceira e última dimensão do enfoque da Hermenêutica de profundidade é a interpretação/reinterpretação. Segundo Thompson (1995):

A interpretação constrói sobre esta análise [análise discursiva], como também sobre os resultados da análise sócio-histórica. Mas a interpretação implica um movimento novo de pensamento, ela procede por síntese, por construção criativa de possíveis significados. (p. 375).

³ Entende-se por fixidez o tempo de duração que um meio técnico possibilita a transmissão de uma forma simbólica. Thompson apresenta como exemplo a comparação entre o tempo de duração de uma mensagem escrita em uma pedra e uma escrita em pergaminho ou papel. A primeira tem uma duração maior que a segunda.

Portanto, trata-se da argumentação criativa e plausível do analista, sintetizando as informações obtidas na análise sócio-histórica e formal ou discursiva.

Para finalizar, ressalta-se que as dimensões em que são divididas a HP não devem ser interpretadas como situações que ocorrem em momentos estanques, distintos, ao contrário, essas fases se realizam simultânea e harmonicamente dando uma visão completa dos processos de produção e recepção da forma simbólica, bem como as consequências atribuídas a estas.

Trazendo essa discussão para o contexto educacional, a hermenêutica de profundidade começa a ser mobilizada para a análise de textos didáticos e, desse modo, torna-se uma metodologia potencial para o exercício ao qual essa pesquisa se propõe.

Para uma melhor compreensão de como mobilizar esse referencial, utilizaremos trabalhos existentes na área da Educação Matemática: Oliveira (2008), que articula esse referencial ao contexto de análise de textos didáticos; Cardoso (2009), que utiliza a HP para análise dos Parâmetros e das orientações curriculares de matemática para o Ensino Médio; Silva (2010), que utiliza a metodologia para compreender o conteúdo Matrizes a partir de livros didáticos utilizados no ensino da matemática; e Andrade (em andamento), que mobiliza a metodologia para o estudo de um livro publicado por S. F. Lacroix, no século XIX.

Alguns elementos de análise

Neste momento serão apresentados alguns elementos que contribuirão para se concretizar uma análise do manual pedagógico “Noções de Metodologia do Ensino Primário” nos moldes da Hermenêutica de Profundidade.

Segundo Morais (Apud Almeida Filho (2008)), Theobaldo Miranda Santos nasceu em 1904 na cidade de Campos, no Rio de Janeiro. Realizou o curso primário e secundário no Liceu de Humanidades e na Escola Normal Oficial, com o término em 1920. Realizou o curso de Odontologia e Farmácia no Colégio Metodista Grambery, na cidade de Juiz de Fora em Minas Gerais. Logo após, se tornou professor da Escola Normal de Manhuaçu, também em Minas Gerais. Foi professor no Liceu de Humanidades, ao retornar para Campos, por volta de 1928, ministrando aulas de Física Química e História Natural. Foi professor de História da Civilização no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Foi professor de História Natural como catedrático da Escola Superior de Agricultura e Veterinária. Mudou-se para Niterói em 1938. Foi convidado pelo Secretário de Educação do Estado do Rio de Janeiro para ministrar aulas de

História Natural no Instituto de Educação, durante este mesmo período, foi professor de Prática de Ensino da Universidade do Distrito Federal. A partir da década de 1940 foi professor do curso de Pedagogia na Escola do Serviço Social e de Física no Colégio Sion do Rio de Janeiro.

Segundo Almeida Filho (2008), consta no arquivo pessoal de Theobaldo Miranda Santos, que este foi Diretor do Departamento de Educação Técnico Profissional no ano de 1941. Foi, em 1942, diretor Geral do Departamento de Educação Primária da Prefeitura do Rio de Janeiro e, simultaneamente a este cargo, foi professor da Pontifícia Universidade Católica. Ocupou, em 1944, a Cátedra de Filosofia da Educação do Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Em 1958, Santos se aposentou dedicando-se exclusivamente a escrita de livros para uso de alunos em variados momentos do processo educativo até falecer em 1971 aos 66 anos de idade.

Ainda segundo Almeida Filho, Santos foi autor de 150 livros voltados para o primário, secundário, normal e Superior, mas Mortatti et al (2009) aponta que conseguiu localizar apenas 26 títulos de autoria deste autor. Conforme Almeida Filho (2008) as primeiras produções deste autor relacionadas à educação foram artigos⁴ publicados em jornais de Campos, Niterói e Rio de Janeiro, a partir de 1932.

Ainda com relação à vida de Theobaldo Miranda Santos, têm-se indícios de que este autor esteve ligado a militantes “católicos” que buscaram, por meio da produção literária, combater a laicização do ensino, assimilando elementos da Escola Nova, porém conservando as bases da doutrina católica.

Com relação ao manual “Noções de Metodologia do Ensino Primário” que é foco dessa investigação tem-se que sua primeira edição foi publicada no final da década de 1940, possivelmente em 1948, e sua décima primeira, e última edição, no ano de 1967. Esta obra faz parte da coleção Curso de Psicologia e Pedagogia que, segundo Almeida Filho (2008), é composta por vinte e dois manuais, ressalta-se, porém, que na orelha da terceira edição publicada em 1952, constam apenas vinte e uma edições. Almeida Filho (2008) ao se referir aos volumes de número 20, 21 e 22 comenta que, estes apesar de terem sido trabalhados não foram publicados. Percebe-se, também, segundo a orelha da edição de 1952, que os volumes não foram publicados obedecendo a sequência de numeração. Consta na orelha desta edição que apenas os volumes 1, 2, 3,

⁴ Em seus anexos Almeida Filho (2008) apresenta vários títulos de artigos publicados por Santos até 1947. Estes dados foram retirados do arquivo pessoal de Theobaldo Miranda Santos, sob os cuidados de Gilda Odete Santos de Oliveira, filha deste, e, também, do artigo de Lígia Alvarenga (2000).

4, 10, 11, 13, 14, 15 haviam sido publicados. Outra importante observação é a mudança do título de alguns volumes ao se comparar o que está escrito na orelha da edição de 1952 com a tabela publicada na tese de Almeida Filho (2008).

Ao se comparar os títulos das edições de 1952 e 1964 percebe-se uma mudança. Ao título de 1964 é acrescentada a expressão “Noções de” enquanto que na edição de 1952 não existe tal expressão.

Ainda não se tem uma análise interna completa da edição de 1964, mas podem ser adiantadas algumas informações com relação ao corpo do texto. Santos divide seu manual em duas partes: *metodologia geral e metodologia especial*.

A *metodologia geral* é dividida em dez temas sendo discutidos num total de aproximadamente cento e vinte páginas. Cada tema desta parte é discutido em dois ou três tópicos, seguido de exercícios referentes ao texto, notas, com citações de diversos autores, e bibliografia utilizada.

A *metodologia especial* é, também, dividida em dez temas sendo discutidos aproximadamente num total de cento e vinte páginas. Há indícios de que a palavra especial representa para Santos o que pode ser chamado de específica, pois, nesta parte do livro, o autor apresenta metodologias a serem aplicadas em conteúdos específicos do ensino primário. Cada tema é apresentado em dois tópicos, seguidos de exercícios, notas e bibliografia conforme a primeira parte.

Com relação ao uso dos Manuais de Theobaldo Miranda Santos na Escola Normal de Campo Grande, foi encontrada a portaria nº 9/52 onde há registros da exigência dos manuais deste autor nas aulas de metodologia e prática de ensino primário. Há, também, registros no caderno de uma ex- aluna da Escola Normal Auxiliadora que funcionou em Campo Grande de que o conteúdo deste manual também era trabalhado nessa instituição, também há registros (nas entrevistadas por Reis (2011)) de utilização da coleção “Vamos Estudar?” de Theobaldo Miranda Santos nas aulas de Prática de Ensino da Escola Normal Joaquim Murtinho.

Considerações finais

Este artigo teve o objetivo de apresentar pesquisa em andamento, esboçando algumas de suas perspectivas metodológicas e características do manual pedagógico selecionado para análise. A partir do estudo do manual de Theobaldo Miranda Santos,

adotado nas primeiras escolas normais de Campo Grande, pretende-se identificar as orientações e abordagens que orientavam a formação de professores primários no sul de Mato Grosso que daria origem ao Mato Grosso do Sul.

Este trabalho está vinculado ao Grupo “História da Educação Matemática em Pesquisa” e visa contribuir para com um movimento que, nos últimos dez anos, têm buscado caracterizar a criação/expansão/efetivação de cursos formadores de professores que ensinam matemática no país.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, Orlando José de. **A estratégia da produção e circulação católica do projeto editorial das coleções de Theobaldo Miranda Santos: (1945-1971)**. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

ANDRADE, Miriam Maria & OLIVEIRA, Fábio Donizete. **A análise de textos didáticos em História da Educação Matemática**. Disponível em: <http://www.apm.pt/files/177852_C54_4dd7a40fc6b6a.pdf>. Acesso em: 16 set. 2011. 19:00:00

ANDRADE, M. M. ; Garnica, A.V.M. . Um exercício de análise de formas simbólicas segundo o referencial metodológico da hermenêutica de profundidade (hp). In: XIV ENCONTRO BRASILEIRO DE ESTUDANTES DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 2010, Campo Grande. Educação Matemática: diversidades e particularidades no cenário nacional. **Anais...** Campo Grande: UFMS, 2010. p. 1-12.

CARDOSO, V. C. **A Cigarra e a Formiga: uma reflexão sobre a Educação Matemática brasileira da primeira década do século XXI**. 226 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2009.

ELIAS, Norbert & SCOTSON John L. 1897-1990. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Tradução, Vera Ribeiro; tradução do posfácio à edição alemã, Pedro Siissekind; apresentação e revisão técnica, Federico Neiburg. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000

OLIVEIRA, F. D. **Análise de textos didáticos: três estudos**. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE). UNESP, Rio Claro, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna**: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

REIS, Ana Carolina de Siqueira Ribas dos. **A formação de professores na Escola Normal Joaquim Murtinho**. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Monografia. Centro de Ciências Exatas e Tecnologia, 2011.

SILVA, Vivian B. da. Saberes em viagem nos manuais pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970). Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT02-2060--Int.pdf>>. Acesso em 02 dez. 12:44:00

SANTOS, Theobaldo Miranda. **Noções de metodologia do ensino primário**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

SANTOS, Theobaldo Miranda. **Metodologia do ensino primário**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952.

SAVIANI, Dermeval. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro**. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>. Acesso em 17 fev. 12:09:00

SILVA, Vivian B. da. **Uma história das leituras para professores: Análise da produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos (1930-1971)**. Disponível: www.anped.org.br/reunioes/25/vivianbatistasilvat02.rtf. Acesso em 02 dez. 12:49:00

VALDEMARIM, Vera Teresa & Campos, Daniela Gonçalves do Santos. **Concepções pedagógicas e método de ensino**: O manual didático Processologia na Escola Primária. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n38/v17n38a05.pdf>>. Acesso em 02 dez. 12:51:00

SILVA, Vivian B. da. **Uma história das leituras para professores: Análise da produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos (1930-1971)**. Disponível: www.anped.org.br/reunioes/25/vivianbatistasilvat02.rtf. Acesso em 02 dez. 12:49:00